

Sumário

Apresentação à edição brasileira	9
<i>Maria Teresa Eglér Mantoan</i>	

Parte I ORIGENS

1 Fundamentos do Ensino Inclusivo <i>Anastasios Karagiannis, William Stainback e Susan Stainback</i>	21
2 Visão Geral Histórica da Inclusão <i>Anastasios Karagiannis, Susan Stainback e William Stainback</i>	35
3 A Inclusão como uma Força para a Renovação da Escola <i>John O'Brien e Connie Lyle O'Brien</i>	48

Parte II ESTRATÉGIAS BÁSICAS

4 Dez Elementos Críticos para a Criação de Comunidades de Ensino Inclusivo e Eficaz <i>C. Beth Schaffner e Barbara E. Buswell</i>	69
5 MAPs, Círculos de Amigos e PATH: Instrumentos Poderosos para Ajudar a Construir Comunidades Protetoras <i>Jack Pearpoint, Marsha Forest e John O'Brien</i>	88
6 Estratégias Práticas para a Comunicação com Todos os Alunos <i>Maureen A. Smith e Diane Lea Ryndak</i>	110
7 Estratégias Administrativas para a Realização do Ensino Inclusivo <i>Daniel D. Sage</i>	129
8 O que eu Farei Segunda-Feira pela Manhã? <i>Mary A. Falvey, Christine C. Givner e Christina Kimm</i>	142

Parte III COLABORAÇÃO

9 As Amizades como um Objetivo Educacional: O que Aprendemos e para Onde Caminhamos <i>Jeffrey L. Strully e Cindy Strully</i>	169
10 Promovendo Amizades <i>Kathryn D. Bishop, Kimberlee A. Jubala, William Stainback e Susan Stainback</i>	184

11	Colaboração dos Alunos: Um Elemento Essencial para a Elaboração de Currículos no Século XXI <i>Richard A. Villa e Jacqueline S. Thousand</i>	200
12	Colaboração, Rede de Apoio e Construção de Comunidade <i>William Stainback e Susan Stainback</i>	223

Parte IV
CONSIDERAÇÕES SOBRE O CURRÍCULO

13	O Currículo nas Salas de Aula Inclusivas: origens <i>Susan Stainback e William Stainback</i>	233
14	A Aprendizagem nas Escolas Inclusivas: e o currículo? <i>William Stainback, Susan Stainback, Greg Stefanich e Sandy Alper</i>	240
15	Planejando Currículos Inclusivos desde o Início: Estratégias e Exemplos Práticos para Salas de Aula do Ensino Médio <i>Cheryl M. Jorgensen</i>	252
16	Escolhendo Opções e Acomodações para as Crianças (COACH): Planejamento de Currículo para Alunos com Deficiência nas Classes de Ensino Regular <i>Michael F. Giangreco</i>	269
17	Celebrando a Diversidade, Criando a Comunidade: O Currículo que Honra as Diferenças, Baseando-se Nelas <i>Mara Sapon-Shevin</i>	288
18	Aprendizagem Comunitária nas Escolas Inclusivas <i>Michael Peterson</i>	306

Parte V
CONSIDERAÇÕES COMPORTAMENTAIS

19	Estratégias para o Manejo de uma Sala de Aula Inclusiva <i>Annette M. Iverson</i>	335
20	Apoio e Estratégias de Ensino Positivas <i>Wade Hitzing</i>	353
21	Uma Abordagem Funcional para Lidar com o Comportamento Desafiador Grave <i>David P. Wacker, Wendy K. Berg, Jay Harding e Jennifer Asmus</i>	369
22	Estruturando a Sala de Aula para Evitar Comportamentos Inadaptados <i>William Stainback e Susan Stainback</i>	387
23	Alguns Comentários sobre Abordagens Positivas para Alunos com Comportamento Difícil <i>Herbert Lovett</i>	394

Parte VI
OUTRAS CONSIDERAÇÕES

24	A Inclusão e o Desenvolvimento de uma Auto-Identidade Positiva em Pessoas com Deficiências <i>Susan Stainback, William Stainback, Katheryn East e Mara Sapon-Shevin</i>	407
25	Conquistando e Utilizando o Apoio da Família e da Comunidade para o Ensino Inclusivo <i>Lynne C. Sommerstein e Marilyn R. Wessels</i>	414
26	Observações Finais: Preocupações sobre a Inclusão <i>Susan Stainback e William Stainback</i>	432
Índice	437

Prefácio

As salas de aula inclusivas partem de uma filosofia segundo a qual todas as crianças podem aprender e fazer parte da vida escolar e comunitária. A diversidade é valorizada; acredita-se que tal diversidade fortaleça a turma e ofereça a todos os seus membros maiores oportunidades para a aprendizagem.

Robert Barth (1990), um professor de Harvard, descreveu da seguinte maneira o valor da diversidade:

Eu preferiria que meus filhos frequentassem uma escola em que as diferenças fossem observadas, valorizadas e celebradas como coisas boas, como oportunidades para a aprendizagem. A pergunta com que tantos educadores estão preocupados é: “Quais são os limites da diversidade além dos quais o comportamento é inaceitável?”... Mas a pergunta que eu gostaria de ver formulada com mais frequência é: “Como podemos fazer um uso consciente e deliberado das diferenças de classe social, gênero, idade, capacidade, raça e interesse como recursos para a aprendizagem?”... As diferenças encerram grandes oportunidades para a aprendizagem. Elas oferecem um recurso livre, abundante e renovável. Eu gostaria de ver nossa compulsão para eliminar as diferenças substituída por um enfoque igualmente insistente em se fazer uso dessas diferenças para melhorar as escolas. O que é importante sobre as pessoas – e sobre as escolas – é o que é diferente, não o que é igual. (p. 514-515)

Os organizadores e os colaboradores deste livro acreditam firmemente que a diversidade deve ser valorizada. Mas quais são as estratégias básicas e práticas para se fazer uso das diferenças de raça, de capacidade, de gênero e de classe social para melhorar a aprendizagem de *todos* os estudantes? Assim como manter uma filosofia e atitude firmes e positivas com relação à inclusão é a *chave* para alcançar o sucesso, os professores e outros profissionais da educação também precisam estar a par de estratégias práticas que podem utilizar diariamente na sala de aula, na escola e na comunidade para melhorar a inclusão bem-sucedida.

Os termos *escola inclusiva* e *reestruturação* ou *renovação da escola* são usados com frequência neste livro. Por isso, poderia ser conveniente rever aqui o significado deles. Uma *escola inclusiva* é aquela que educa todos os alunos em salas de aula regulares. Educar todos os alunos em salas de aula regulares significa que todo aluno recebe educação e frequenta aulas regulares. Também significa que todos os alunos recebem oportunidades educacionais adequadas, que são desafiadoras, porém ajustadas às suas habilidades e necessidades; recebem todo o apoio e ajuda de que eles ou

seus professores possam, da mesma forma, necessitar para alcançar sucesso nas principais atividades. Mas uma escola inclusiva vai além disso. Ela é um lugar do qual todos fazem parte, em que todos são aceitos, onde todos ajudam e são ajudados por seus colegas e por outros membros da comunidade escolar, para que suas necessidades educacionais sejam satisfeitas.

Os termos *renovação escolar* e *reestruturação da escola* também são usados em toda a literatura profissional sobre educação da década de 1990 e neste livro. Esses termos significam coisas diferentes para pessoas diferentes, mas, em essência, são usados para descrever a necessidade de transformar as escolas públicas em instituições acolhedoras e sensíveis, capazes de responder de maneira humana e eficiente às necessidades e habilidades específicas de todos os alunos. Isso envolve mais do que a renegociação e a reorganização dos limites e das estruturas da educação especial e regular, a inserção de alunos com deficiências em turmas de ensino regular, a maneira pela qual avaliamos as necessidades e as habilidades dos alunos e os instruímos, ou de que forma organizamos o dia escolar. Também envolve, e isto pode ser ainda mais importante, o repensar de nossas atitudes e crenças sobre as crianças, sobre a educação, sobre a atmosfera e sobre a(s) cultura(s) das escolas em todos os Estados Unidos e em outros países.

O principal enfoque deste livro são as estratégias práticas que tiram proveito das diferenças entre os alunos e o pessoal da escola para melhorar o sucesso social e a realização educacional de todos os alunos. O livro é composto de 26 capítulos divididos em seis partes. Na Parte I, os autores revêem brevemente os fundamentos e a visão geral histórica do ensino inclusivo e delineiam o motivo pelo qual a inclusão pode ser um impulso para a renovação da escola. Na Parte II, estão delineadas e discutidas as estratégias práticas fundamentais para conseguir-se uma inclusão bem-sucedida. Na Parte III, a atenção volta-se para a pergunta: “Como os alunos, os professores e os outros funcionários da escola podem atuar juntos no sentido de planejar e implementar estratégias específicas para alcançar sucesso social e educacional para todos os alunos?” Na Parte IV, são apresentados muitos procedimentos e exemplos de como o currículo nas salas de aula de ensino regular pode ser planejado e adaptado para satisfazer às necessidades de todos os alunos. O assunto da Parte V são as preocupações comportamentais nas salas de aula inclusivas e as estratégias práticas específicas para os comportamentos positivos serem facilitados e para os comportamentos inadequados serem reduzidos. Na Parte VI, os autores tratam da questão de como todos os alunos podem manter uma auto-identidade e um autoconceito positivos nas salas de aula inclusivas. Além disso, discute-se de que maneira as famílias e o pessoal da escola podem trabalhar em conjunto para fomentar um ensino inclusivo para todos os alunos. No capítulo final da Parte VI, os autores tratam das principais preocupações de algumas pessoas sobre a inclusão total de todos os alunos nas salas de aula regulares das escolas públicas.

A compilação deste texto não teria sido possível sem as contribuições de muitas pessoas. Os organizadores gostariam de aproveitar esta oportunidade para enaltecer a contribuição valiosa de cada um dos colaboradores. Da mesma forma, agradecemos e reconhecemos as contribuições de muitos alunos, pais, educadores e outros membros da comunidade que ofereceram suas idéias, suas preocupações e seu apoio moral du-

rante todo o desenvolvimento deste livro. Também somos gratos à Dra. Sandy Alper, que proporcionou estímulo e apoio a todos os nossos empenhos didáticos, incluindo esta obra. Por fim, gostaríamos de agradecer cordialmente a todos os nossos colegas da Paul H. Brookes Publishing Co., que nos encorajaram e contribuíram significativamente para a divulgação das idéias e dos conceitos dos muitos autores deste livro.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Barth, R. (1990). A personal vision of a good school. *Phi Delta Kappan*, 71, 512-571.